

blica, onde a sua atenção se fixou na munheca fechada e nas unhas sujas de um pobre homem adormecido, que por um bom momento resumiram para ele a angústia da existência.

Como combinar o cultor da clareza superlativa, o farsante e o notívago atormentado, que preferia que a noite não terminasse e que temia a luz do dia seguinte? Lutavam, um derrubando o outro, mas não se misturavam, e naturalmente compunham um enigma para os amigos e para ele mesmo. A poesia de Bento, que não está reunida, dá testemunho do impasse reinante no seu Laboratório de Metafísica Geral – expressão dele. Ele gostava de recitar o “Relógio do Rosário” de Drummond, especialmente os versos seguintes: “(...) E nada basta, / nada é de natureza assim tão casta // que não macule ou perca sua essência / ao contacto furioso da existência. // Nem existir é mais que um exercício / de pesquisar de vida um vago indício, // a provar a nós mesmos que, vivendo, / estamos para doer, estamos doendo.”

Que falta o Bento faz!

Monique David-Ménard: Deleuze ou Freud/Lacan?

Bento Prado Júnior

Professor titular de filosofia da
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Monique David-Ménard: Deleuze ou Freud/Lacan?

Este texto foi escrito tendo em vista a apresentação de *Repetir e inventar segundo Deleuze e segundo Freud*, de Monique David-Ménard, à ocasião do I Encontro Nacional de Pesquisadores de Filosofia e Psicanálise.

Palavras-chave: repetição, infinito, Deleuze, David-Ménard

Deleuze or Freud/Lacan?

This paper is a commentary of David-Ménard's *Répétition et invention en Deleuze et Freud*.

Key words: repetition, infinite, Deleuze, David-Ménard

Gostaria de dizer, inicialmente, como fiquei feliz ao saber que a tarefa de comentar a conferência de Monique David-Ménard me fora atribuída. É verdade que minha descoberta da obra de Monique foi tardia, através da bela tradução brasileira de seu livro *La folie dans la raison pure* (cujo título, que parece contrariar o senso comum, recebeu em nossa língua um suplemento de sentido na rima interna *A loucura na razão pura*). Mas rapidamente pude encontrá-la e discutir um pouco questões que são as nossas hoje. Tal felicidade estava um pouco comprometida por uma certa inquietação. Como eu, que não sou analista e nunca fui analisando, em minha condição de simples filósofo ou neurótico (ou ainda *melancólico*, como sugere a antiga tradição filosófica retomada por Kant em seu pequeno livro *Die Kopfkrankheiten*), como eu poderia estar à altura exigida pelo comentário dos escritos de alguém que é, ao mesmo tempo, filósofo e psicanalista, e que é capaz de circular pelos dois domínios sem prejuízo? Mas a leitura antecipada de *Repetir e inventar segundo Deleuze e segundo Freud* me tranquilizou. Pois, com ele, estamos do lado da filosofia, mesmo que a clínica aí também se encontre. Além do mais, recebi esta semana o último número da revista *Rue Descartes* onde encontrei uma outra conferência de Monique David-Ménard⁽¹⁾ que escutara em Paris no ano passado e cujo sentido eu não havia apreendido completamente. Ao relê-la, as coisas se esclareceram e me ajudaram a compreender melhor a conferência de hoje, pois estes dois textos se entrecruzam e se iluminam.

Meu comentário das duas conferências será necessariamente breve, tendo em vista os limites de tempo, assim como os limites de minha competência. *Grosso modo*, digamos que os dois textos colocam em cena uma mesma e dupla operação. Trata-se de descrever as relações entre Deleuze e a psicanálise, levando em conta duas fases de seu pensamento: a primeira, na qual o pensamento de Deleuze se alimenta também da psicanálise, e uma segunda, na qual fica evidente o distanciamento crítico em relação a Freud e Lacan. No fundo, apenas uma questão: quais são as razões propriamente *filosóficas* que obrigaram Deleuze a tal distanciamento?

Seria possível, creio eu, pensar na dimensão *biográfica* de tal corte. Não estariam, na origem deste desvio, a associação com Guattari e a prática clínica de Laborde? Ele não começaria, se não estou enganado, com a publicação de *O anti-édipo*?

Mas voltemos ao essencial. O que descobri de novo nestes dois textos, o que escapara a mim, que escrevo sobre Deleuze há quase trinta anos? Parece-me que o essencial do encaminhamento de Monique David-Ménard é o seguinte: em sua segunda fase, Deleuze perdeu a possibilidade de diálogo com a psicanálise devido a um retorno (talvez *não pensado*) à filosofia pré-crítica. Em uma palavra, retorno à filosofia do infinito: Leibniz, certamente, a quem Deleuze direcionou explicitamente sua atenção, mas (surpresa!) a Hegel. Ou ainda à Dialética do Absoluto, que sempre foi o adversário principal da filosofia da *diferença* e da *repetição* (por sinal, a tradição que consiste a opor a idéia de repetição à idéia de síntese dialética é antiga: basta lembrar de Kierkegaard e de Nietzsche, assim como o bergsoniano Charles Péguy de *Clio*, que se situa no ponto de partida de *Diferença e repetição*).

É verdade que em um texto de mais ou menos dez anos eu dizia que a idéia de imersão no caos não estava distante da idéia expressa no prefácio da *Fenomenologia do Espírito* onde Hegel afirma que, para se advir Razão, o simples Entendimento deveria imergir no delírio dionísio da Substância! Para mim, tratava-se de um cruzamento puramente local e sem muita importância.

O que me faltava, para bem ver as coisas, era o momento da filosofia crítica. Tanto é verdade que, em um texto mais antigo (do final dos anos 1970), procedi à análise de um parágrafo de *Diferença e repetição*, lido em uma direção que ia de Hume a Bergson, isto a fim de situar a diferença entre Freud e Skinner. O título do artigo era “Hume, Freud, Skinner (em torno de um parágrafo de Gilles Deleuze)”(3).

Trata-se do parágrafo que vai da página 129 à 130, consagrado à tentativa de corrigir a versão corrente da idéia de *hábito*, com suas consequências para a idéia de *princípio do prazer*. É um parágrafo do capítulo “A repetição por ela mesma” muito próximo dos parágrafos do mesmo capítulo comentados por Monique David-Ménard na conferência de hoje. Como se trata de um parágrafo muito longo, não posso me permitir citá-lo na íntegra. No entanto, posso resumi-lo. O hábito não pode ser reduzido à reprodução de um prazer obtido. A *idéia* de um prazer obtido ou a obter só pode agir a partir de um *princípio*:

Mas o hábito, como síntese passiva das ligações, ao contrário, precede o princípio de prazer e o possibilita”. Ao final, lemos: “Mais uma vez, não devemos confundir a atividade de reprodução e a paixão de repetição que ela recobre. A repetição da excitação tem, por objeto verdadeiro, elevar a síntese passiva a uma potência da qual derivam o princípio de prazer e suas aplicações, futuras ou passadas.(Deleuze 2, pp. 129-30)

Ao lado da luz lançada sobre o princípio de prazer, eu insistia, em meu texto, que a idéia de reforço nada tinha a ver com um reflexo (uma síntese, digamos, passiva), pois ela implicava, na idéia de repetição a que está vinculada, uma forma de temporalidade invertida – como se apenas os efeitos posteriores de um gesto pudessem defini-lo como um gesto propriamente dito. É como se (mais uma surpresa) encontrássemos, no muito norte-americano, pragmatista e naturalista Skinner, o ponto de partida de *Clio*, de Charles Péguy, que inicia com a tese de que a repetição nunca implica em um acontecimento primeiro.

Assim, sem passar por Kant, eu me aproximava do que nos diz Monique David-Ménard, mesmo privilegiando os textos da primeira fase, sugerindo que, com Guattari, e sobre o fundo da mesma tradição empirista, Deleuze se aproximava mais de Skinner do que de Freud – como se a concepção “maquinica” do inconsciente nos aproximasse mais da prática do reforço e da extinção do *behavior* do que da prática da interpretação. Com efeito, a explicar o funcionamento da prática, Deleuze faz em algum lugar um belo trocadilho ao elogiar o nome de um estado norte-americano: *Connecticut* – literalmente, *ligar e cortar*, ou talvez, *reforçar e extinguir*.

Era uma maneira menos rica, do que esta de Monique David-Ménard, de descrever o desvio de Deleuze em relação à psicanálise. Mas que é convergente com a dela. O fato é que eu não havia lido *A loucura na razão pura*. Não poderia fazê-lo nos anos 1970, *et pour cause*. Mesmo após ter lido e comentado *O que é a filosofia?*, em particular o misterioso parágrafo sobre os movimento de velocidade infinita que atravessam o caos, eu não tinha adivinhado o retorno subterrâneo à filosofia do infinito. Após esta conferência e os outros textos de nossa colega Monique, precisarei reler toda a obra de Deleuze. Mas esta é talvez a felicidade da prática da filosofia: *poder sempre recomeçar*.

São Carlos, 27 de outubro de 2004

Referências Bibliográficas

1. DAVID-MÉNARD, Monique *Créer des concepts, dessiner l'impensé* in *Rue Descartes*, nº 45-46, Paris: PUF, 2004.
2. DELEUZE, Gilles. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 1999.
3. PRADO JR., “Hume, Freud, Skinner (em torno de um parágrafo de Gilles Deleuze)” in *Alguns Ensaíos*, São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Repetir e inventar segundo Deleuze e segundo Freud

Monique David-Ménard

Professora da Universidade de Paris VII Denis Diderot

Tradução: Luciano Laface de Almeida